

Menção Honrosa: Contexto Cultural Ampliado

Luís Felipe Walder de Mello e
Lucas Souza Cotta

5º ano I,
05/09/2018

— Vovó, conte-nos como você arranhou esta estada para nós em Campos do Jordão?

— Simples, meu neto, uma amiga quis retribuir o convite que lhe fiz para passar uma temporada no Sítio e ofereceu-me sua casa para passarmos o inverno...

— Não aguento mais ficar dentro desse carro, gente! Deixa eu sair logo daqui! — interrompeu a boneca.

— Emília, aproveite para apreciar esta paisagem maravilhosa da Serra da Mantiqueira. Observe a transição entre os biomas da Mata Atlântica e Mata de Araucária. Sabia que 30% da Serra da Mantiqueira se localiza aqui no estado de São Paulo, 10% no Rio de Janeiro e 60% em Minas Gerais? — explicou Dona Benta.

As crianças logo se interessaram, mas Emília? Nem ouvia mais, estava distraída, implicando com Visconde. Ao chegarem à casa de inverno, Emília tomou a palavra:

— Visconde! Eu não estou entendendo nada. Para começar, o que significa esta placa aqui na entrada: Suguri? E este tanto de nome nestas casas? Será que aqui as pessoas não têm endereço e acham as casas pelo nome?

— Como diria Lobato: “Quem não lê, mal ouve, mal fala, mal vê”. Sobre a casa, Emília, denomina-se Auguri, em italiano, e pode significar parabéns, boa sorte, saudações, felicitações... É a proprietária dando as boas-vindas a quem chega.

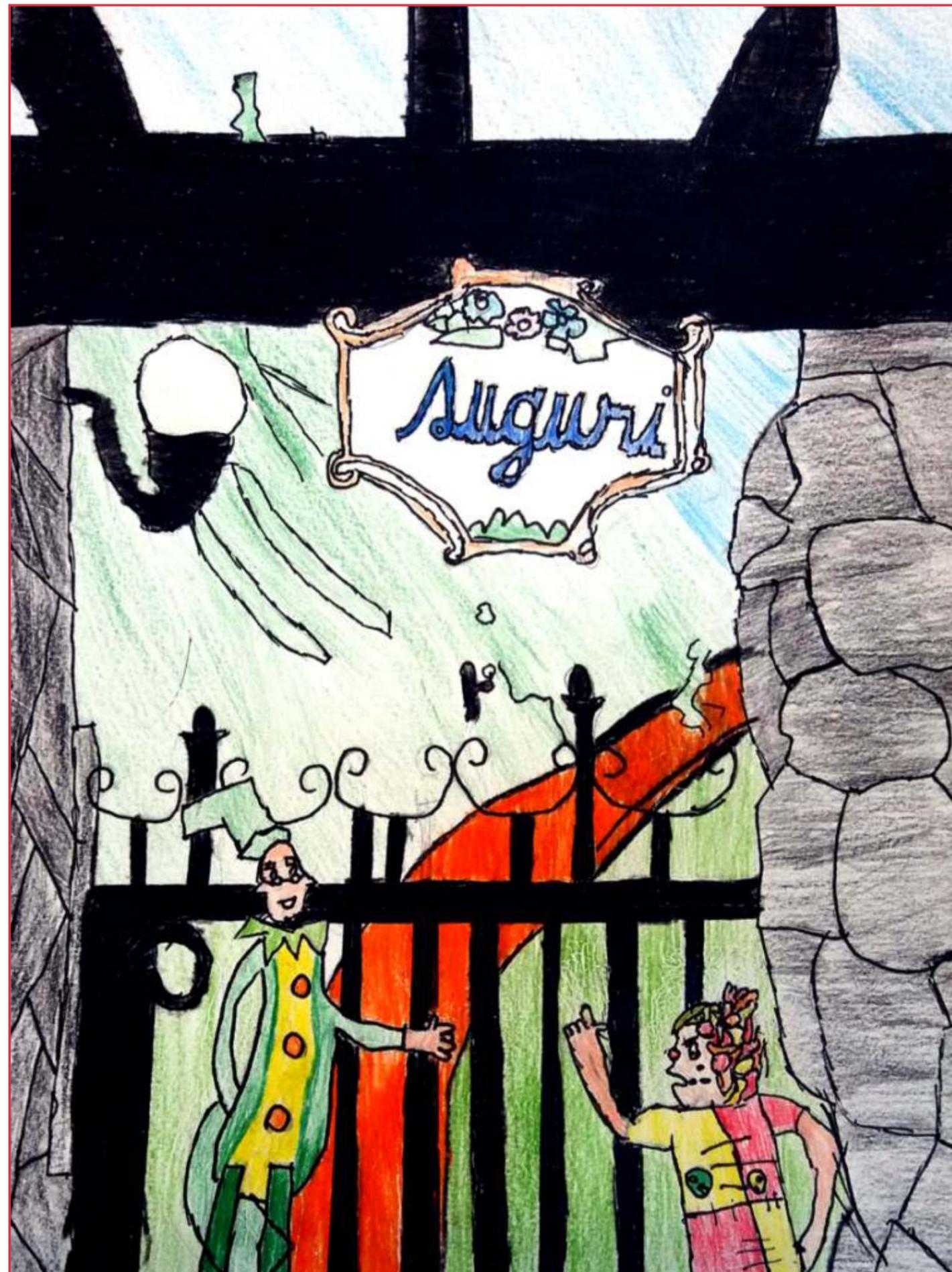
— Quem o quê? Até parece... eu pensei que fosse “Suguri”, o nome daquela cobra...

Desconsiderando a comparação, o sabugo continuou:

— Sobre o nome das casas, bem... esta tradição veio dos grandes castelos medievais, onde famílias nobres usavam seu título ou local para dar nome às suas propriedades. A partir de 1930, com a classe média na Inglaterra podendo comprar seus próprios palácios, o costume de dar nomes às casas se popularizou. Esses nomes, além de serem identificadores, tinham, para o proprietário ou a família, significados especiais.

— Já sei, Visconde!!!! Como eu nasci no fundo do mar no Reino das Águas Claras — já nasci princesa... Recebi o título de Condessa das Três Estrelinhas, Marquesa de Rabicó... Eu SOU UMA NOBRE!!!! Agora, vim para uma casa com a cultura de castelos antigos, onde viviam princesas... Quer saber, Visconde, meu mais novo criado, arranje um tapete vermelho para mim... Anda! Anda!

Visconde, embasbacado, adentrou a subida da entrada... Ele realmente não entendia como uma boneca de macela conseguia ser autora de tantos disparates...



Menção Honrosa: Contexto Histórico-Geográfico

Felipe Buaiz de Rezende Coutinho e
Gabriel Motta Bastos

5º ano B
05/09/2018

Cheia de mistérios e belezas, Campos do Jordão, localizada no estado de São Paulo, é uma cidade da Serra da Mantiqueira, cadeia montanhosa que abriga mistérios e encantos. Nesse local, uma amiga de todos do Sítio cedeu sua casa de inverno à Turma do Sítio para passarem uma temporada de férias na gostosa estação climática.

Chegando lá, instalaram-se no quarto de casal, onde a vista da varanda lhes chamou mais atenção, pois deixava à mostra uma paisagem natural de deixar qualquer um maravilhado. A curiosa Emília desconhecia por completo aquelas espécies contidas na flora local e instigou o sabugo científico a esclarecer suas dúvidas.

— Emília, aqui podemos observar o pinheiro bravo, espécie de pinheiro originário do Velho Mundo, Europa, podendo atingir até 40 metros. — começou o Visconde.

— E a outra, que parece um brinco de princesa? — perguntou a boneca.

— É a tão famosa Araucária, planta frondosa, nativa da região sul do país.

— Mas, e aquela canastra gigantesca ali? — questionou a tagarela.

— Emília, aquela formação rochosa chama-se Pedra do Baú e próximo a ela ainda temos a Ana Chata e o Bauzinho, outras duas rochas que formam o complexo rochoso mais procurado por aventureiros que buscam desbravar a Serra da Mantiqueira.

Nesse momento, Pedrinho ouviu de longe a palavra “aventureiro” e propôs aos dois amigos uma aventura por aquelas bandas. Desafiada, Emília aceitou imediatamente. Visconde, sempre muito receoso, sugeriu que antes fossem consultar Dona Benta, que resolveu contar-lhes uma famosa história sobre a região.

— Há muito tempo, existiu a fantástica perseguição ao ouro que levou o desbravador Inácio Caetano Vieira de Carvalho a romper as matas virgens da Mantiqueira em direção às minas auríferas da região em busca do metal precioso. Reza a lenda que Inácio, encantado com a exuberante paisagem, lutou bravamente para defender as divisas de São Paulo contra os invasores de Minas Gerais. Graças à luta, Campos do Jordão permaneceu paulista e Inácio, que escondeu as muitas barricas cheias do ouro que conquistou, levou para o túmulo a glória de ter sido o pioneiro dessa estância, junto com o segredo local: onde Inácio escondeu seu ouro? — contou em detalhes a Vovó.

Ainda mais aguçados, os três amigos, partiram em busca do ouro perdido de Inácio. Afinal, para quem encontrou petróleo no Sítio, aquela aventura seria moleza.



Menção Honrosa: Criatividade no Enredo

Helena de Oliveira Marim e
Marília Tavares Roella

5º ano I,
05/09/2018

Dona Benta foi convidada por uma grande amiga para passar uma temporada em sua aconchegante casa de inverno em Campos do Jordão. Então, ela e a turma do Sítio partiram de Taubaté. Todos ficaram encantados com a natureza exuberante da Serra da Mantiqueira, observada pelo caminho. Certo tempo depois, chegaram ao local da hospedagem.

Lá, as crianças souberam que havia uma estátua cinza de leão ... mas onde? Resolveram ver quem a localizaria primeiro.

Emília, esperta como sempre, encontrou-a em meio aos Beijinhos e ao Pinheiro Japonês, utilizados para decorar e aromatizar a parte externa da casa. Entretanto, ter Emília em qualquer evento subentende que alguma coisa acontecerá devido à intransigência, característica forte da boneca, a qual não tardou em encontrar defeito na estátua:

— Enfeite é para mostrar, não para ficar escondido. O sabugo velho contou que as estátuas de leões são símbolos da China e que esses animais são os protetores e responsáveis por espantar os maus espíritos do ambiente ... mas, se a dona da casa o quer escondido ... vou camuflá-lo.

Depois de terminar sua obra de arte, repensou:

— Agora vou me esconder para observar Narizinho e Pedrinho passarem e não notarem sequer a minha presença, imagina a do leão.

Pouco tempo depois, Narizinho e Pedrinho vislumbraram a estátua do leão; já a boneca, vendo que seu plano não dera certo, decidiu dar-lhes um susto:

— Buuu! Achei primeiro! Eu ganhei! Gostaram da minha obra de arte?

— Emília, por que você pintou o leão? Agora a gente vai ter que resolver isso! Imagina a cara da Vovó quando souber! Nem quero ver.

— Hum, pinte o leão para escondê-lo de vocês ...

Pedrinho, contrariado, afirmou:

— Agora você vai ter que resolver esse problema sozinha! Nem conte com a gente!

— Ah, por favor! Me ajudem a limpar ... Foi só uma travessurinha...

Então, Emília fez aquela cara de anjo que só ela sabe como, e os dois, é claro, caíram na conversa mole da boneca. Colocaram a mão na massa e ficaram tão entretidos limpando a estátua, que só perceberam o sumiço da boneca quando Tia Nastácia gritou:

— Emília, o que você fez com as panela da cozinha?! Meu São Jorge, me acuda!



Último dia da estada maravilhosa que a turma do Sítio teve naquela casa de inverno: brincaram nos jardins e na fonte, comeram fondue e churrasco, ouviram e cantaram músicas ao som do piano, conheceram árvores diferentes das do Sítio (como o pinhão bravo e as araucárias) ... Enfim, foram as mais deliciosas férias de inverno que experimentaram em muitos anos. Mas, como diz o ditado, "Tudo o que é bom dura pouco". Estava na hora de retornarem.

As crianças tinham organizado suas bagagens, estava anoitecendo e Dona Benta e Tia Nastácia estavam finalizando a arrumação. Sairiam cedo na manhã seguinte, ao raiar do Sol, tinha dito a vovó. A adega, pouco usada pela turma, foi a última a ser faxinada:

— Aqui tem muito pouca coisa pra fazer, Sinhá... Nois quase num veio aqui, né?

— Verdade, Nastácia. São muitos tipos de vinhos. A verdade é que esta é uma bebida muito apreciada há muito tempo. Companheiro secular dos reis da idade média, combustível para as festas no Olimpo, o vinho é, sem dúvida, uma bebida muito apreciada desde os primórdios de sua fabricação.

— Nossa senhora... Então o povo já gostava disso naqueles tempo?

— Creio que sim, Nastácia. Atualmente, as adegas fazem parte da arquitetura das casas, ainda mais aqui em Campos do Jordão. Nós sentimos na pele o friozinho, não é? Além de ser um ambiente aconchegante da casa, onde os amigos se sentam, bebericam e conversam, por ser climatizado, mantém as propriedades do vinho, deixando-o sempre saboroso para o consumo.

— Do frio nem me alymbre, Sinhá! ... Brrrrrrr...

— Pois é, Nastácia ... Agora vou colocar estes vinhos nesta prateleira como gratidão à minha amiga por ter nos emprestado a casa. Foi um passeio delicioso...

De repente, quando Dona Benta colocou uma caixa na parte mais baixa da prateleira, ouviu-se um grunhido que assustou a ambas:

— Seu porco comilão e guloso, o que estava fazendo aqui?

— Tomando uns suquinhos de uva!!!

— Rabicó!!! Era vinho!!!

— Ah... então foi por isso que eu peguei no sono!!!

Nastácia preparava-se para dar um tapa no porco quando este saiu em disparada, sendo seguido de perto pela cozinheira enfurecida.



Menção Honrosa: Interdisciplinaridade com obras de arte

Anamaria Santos Souza de Castro e
Brunella Berger Mauro

5º ano B
05/09/2018

O sol havia acabado de nascer quando os besouros mensageiros trouxeram um convite inesperado ao Sítio do Pica-pau Amarelo. Uma convocação, vinda de uma família amiga que possui uma acolhedora casa em meio à Serra da Mantiqueira, mais especificamente na cidade de Campos do Jordão, gostaria de receber toda a Turma de Lobato para uma gostosa temporada de inverno.

Depois de aceitarem o convite e de viajarem com a ajuda do pó de pirlimpimpim até o local, Emília foi a primeira a abrir a porta de entrada da casa a fim de explorá-la e assim descobrir seus possíveis segredos. Alguns minutos depois, Visconde e Dona Benta sentiram a falta da boneca e a encontraram estarecida perante um quadro pendurado na entrada da casa.

— O que você está a observar, Bonequinha? — questionou a Vovó.

— Estou conversando com essas três moças presas na parede vestidas com roupas engraçadas. — respondeu a boneca.

Moças presas na parede? — estranhou o Visconde. — Como assim, Marquesa?

— Visconde, já está caducando? Acho que, de tanto estudar, ficou meio tonto!

— Para o seu conhecimento, senhora Marquesa, esta é uma belíssima pintura, finamente executada a óleo sobre tela, representando camponesas do século XVIII, assinada pelo pintor brasileiro Ivo Blasi, artista atuante em São Paulo, que viveu na Itália por algum tempo, onde frequentou cursos de arte. No Brasil, cursou a Escola Paulista de Belas Artes, tendo participado de diversas exposições.

— Chega de blá, blá, blá, Sr. Visconde. Acabei de ter mais uma das minhas maravilhosas e geniais ideias para ajudar essas pobres moças cafonas.

Com a ajuda do pó de pirlimpimpim, a boneca retirou as camponesas do quadro.

— Queridas amigas, agora vocês estão livres. Podem largar esses baldes e irem se preparando para uma viagem inesquecível rumo ao Sítio do Pica-pau Amarelo.

Ao levar as camponesas para casa, Emília pediu à Dona Aranha que costurasse modernos vestidos para as novas amigas do Sítio. Narizinho ficou tão feliz com a chegada das moças que, antes que voltassem para o quadro, as convidou para seu casamento com o Príncipe Escamado, lá no Reino das Águas Claras.



Menção Honrosa: Intertextualidade com obras de Lobato

Arthur Carneiro Bahia e
Caio Cheim de Figueiredo Domingues

5º ano B
05/09/2018

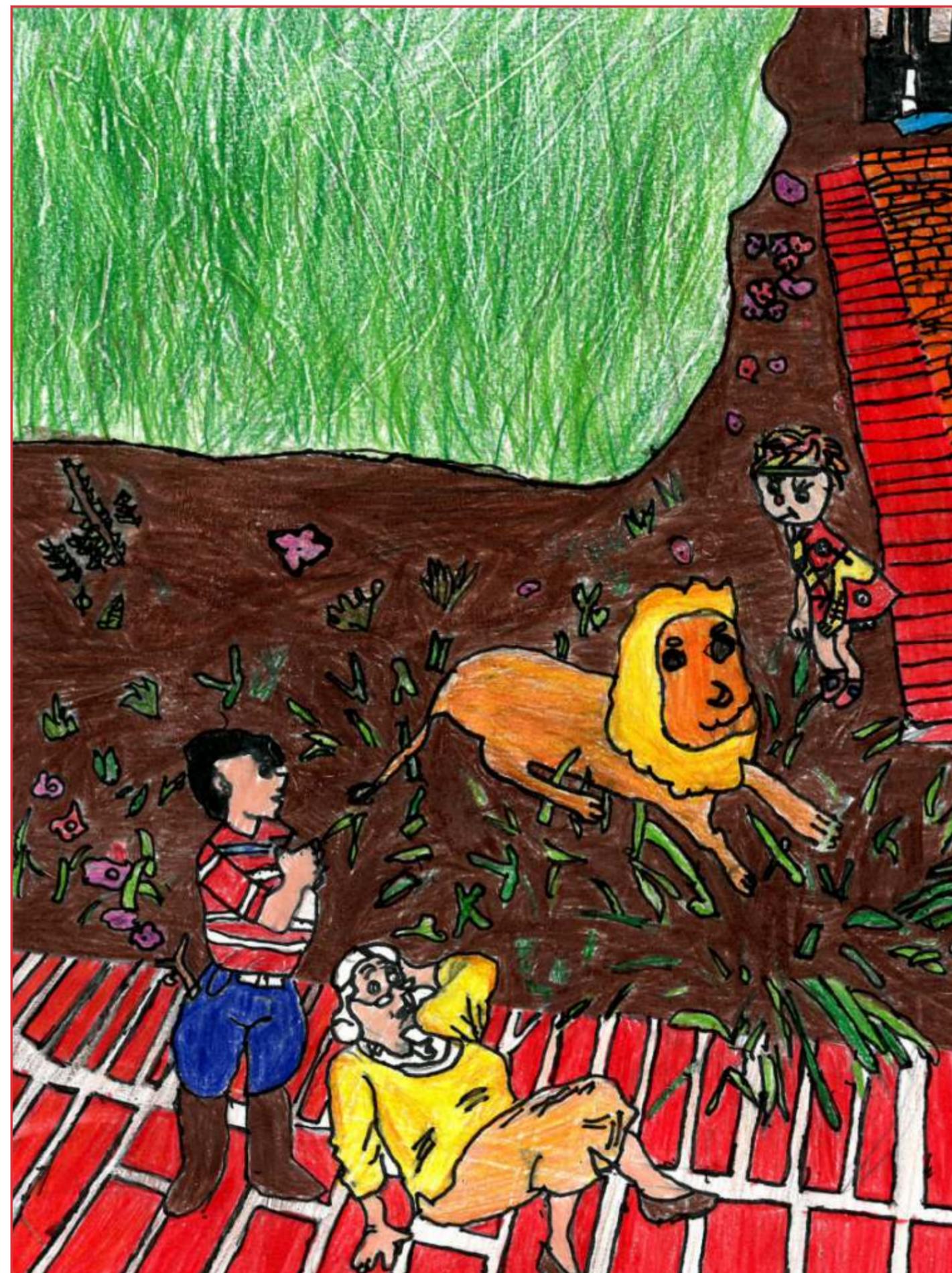
Numa tranquila tarde, bem no início da estação mais fria do ano, a turma do Sítio do Pica-pau Amarelo recebeu um telegrama enviado por uma família muito querida, convidando-os para passar uns dias em sua casa de inverno em Campos de Jordão, cidadezinha de clima frio e tom europeu, localizada no interior de São Paulo, mais exatamente na Serra da Mantiqueira. Anunciada a notícia por Dona Benta, Emília pegou sem demora o pó de pirlimpimpim e, sem dar tempo de reunir toda a Turma, foi logo jogando-o sobre os que estavam próximos: Visconde, Tia Nastácia, Dona Benta, Pedrinho e, é claro, ela mesma, que não poderia ficar de fora.

Ao chegarem à residência de inverno, Dona Benta e as crianças foram explorar o belo jardim. De cara, Emília deparou-se com a estátua de um leão e, sem mais averiguações, gritou Dona Benta para vê-lo. A Vovó arrepiou-se quando ouviu da boneca que havia um leão por ali, pois já tinha lido muitas informações sobre as grandes feras das savanas e sabia que nenhuma é mais traiçoeira e feroz que o leão, com a sua terrível mordida equivalente a 50 toneladas. A pobre senhora arrepiou-se da cabeça aos pés só de lembrar do horror que seria a mordida desse grande felino. Assustada, Dona Benta colocou todos para dentro da residência, porém Pedrinho, sempre muito valente, viu ali mais uma oportunidade de convocar Emília e Visconde para uma caçada.

Convocação aceita, os aventureiros iniciaram a confecção das armas. O sabugo levou um sabre feito de arco de barril bastante pontudo; já a boneca armou-se com um espeto que encontrou na churrasqueira; e Pedrinho, uma espingarda fabricada por ele mesmo.

Quando retornaram armados ao jardim, para a tão planejada caçada, perceberam que o pobre leão era de pedra e não causava perigo algum, já que não passava de um elemento paisagístico, um guardião simbólico do local.

Emília, que ao espalhar uma notícia falsa, havia mais uma vez aprontado das suas, ficou sem graça e resolveu disfarçar o ocorrido, pedindo à Dona Benta que lhes contasse uma história sobre alguma fera africana, enquanto todos se deliciavam com a fornada dos mais deliciosos bolinhos de chuva que acabara de ser preparada por Tia Nastácia.



Menção Honrosa: Ludicidade com as Palavras

Beatriz Demoner de Abreu de Azevedo, Maria
Vitória Escarpino Franco e Tasso Rocha Lugon

5º ano I₂
05/09/2018

Em um dia ensolarado, mas com um friozinho de inverno, a turma do sítio chegou a uma casa em Campos de Jordão, através de um convite que Dona Benta recebeu de uma família amiga.

Enquanto todos entravam pela entrada principal da casa, Emília, a boneca de macela, tagarela e espreitada, avistou um caminho bem diferente e cheio de flores. Pra frente como ela só, quis ir até lá para saber como era e quem a acompanhou, é claro, foi o Visconde, o sábio sabugo, sempre “cobaia” de Emília. Ela não sabia aonde este caminho levava, mas por sua desobediência, foi sem olhar para trás, e ainda carregando o sabugo.

— Ô, Visconde, qual é o nome dessa passagem genial? — Emília perguntou.

— Caminho dos Dormentes, Emília! — E a boneca, com cara amarrada, imediatamente respondeu:

— Ahn? Alguém dormiu aqui? As flores agora dormem?

— Não, Emília. Dormente é o nome da madeira. São usadas também em trilhos de trens, pois são muito resistentes e têm uma excelente durabilidade. Seu primeiro uso foi em 1820; e pode ser feito de carvalho, pinho ou cedro.

— Chega, Visconde, já entendi. — retrucou Emília, impaciente.

— Olha, Emília! Estas são flores típicas de regiões de clima frio, assim como em Campos do Jordão. — No meio da fala do Visconde, a boneca novamente o interrompeu:

— Tá bom, Visconde, agora estou igual a esse caminho, dormindo! Se você disser mais uma palavra, vou te trancar no galinheiro quando chegarmos ao sítio!

De repente, apareceu Rabicó correndo e falando todo esbaforido:

— Emília e Visconde! Tia Nastácia já está preparando o almoço e só irá servir a turma quando vocês chegarem. Vamos logo, estou com fome!

— Rabicó, me diz quando você não está com fome? — retrucou Emília.

Depois de discutirem mais sobre aquele “caminho dormente”, eles entraram na casa. Mas, quando chegam lá, a comida tinha desaparecido! As evidências só apontavam para um culpado: o guloso Rabicó, que estava com a boca suja de bolinho, pois não se aguentou.

— Visconde, chega dessa palhaçada! Vamos voltar ao caminho dos “dormidos”, pois é melhor ter mais conhecimento e apreciar aquele local, do que ver esse porco enxerido.

E assim os dois voltaram discutindo como sempre, mas aproveitando aquele ambiente tão diferente do que estavam habituados, explorando mais o jardim e sua riqueza.

